

# A CIRCUNFIXAÇÃO EM PORTUGUÊS

Caio Cesar Castro da Silva (UFRJ)  
[caiocvianna@gmail.com](mailto:caiocvianna@gmail.com)

## 1. Introdução

Neste trabalho, abordaremos o processo de formação de palavras do português conhecido como parassíntese, procurando nos deter às suas controversas definições. Observaremos alguns dos principais trabalhos da tradição gramatical e da literatura especializada em morfologia derivacional.

O texto encontra-se dividido da seguinte maneira: objetivamos apresentá-la sob a ótica da tradição gramatical em 2, citando as hipóteses correntes na tradição e na literatura morfológica. Nas seções em 3, 4 e 5 levantaremos questões relacionadas a essas hipóteses, seguindo em 6 considerações finais e as referências bibliográficas em 7.

## 2. A parassíntese

A parassíntese é, tradicionalmente, definida como a anexação simultânea de um prefixo e um sufixo a uma base (CUNHA & CINTRÁ, 2007; LIMA, 2008; CAMARA JR., 1975). Dessa forma, vocábulos como *amanhecer* e *emparedar* são analisados como nos moldes em (a):

(a) a + manhã + ecer → amanhecer

e/N/ + parede + ar → emparedar

Percebemos, a partir das estruturas em (a), que o fator simultaneidade é aplicado com a adjunção dos afixos à base em um nível, e não em dois. Esse fator distingue formas como as citadas em (a) de outras como *prefixar*, em que o prefixo e o sufixo não são incorporados à base ao mesmo tempo (*prefixo* ~ *fixar*).

A simultaneidade, segundo Valente *et alii* (2009), parece também ser o único ponto acordado na descrição do processo entre

os autores da tradição gramatical e os da literatura especializada. As análises estabelecidas pelos teóricos, contudo, divergem nos demais pontos (como se há ou não um sufixo nos verbos terminados em *-ar*), gerando, por vezes, contradições. Surgem, assim, algumas possibilidades de análise da derivação parassintética:

- (1) considerar que, na maioria dos verbos de 1ª conjugação (*apaixonar*, *encarar*), haveria um espaço vazio no lugar do sufixo, ou um sufixo  $\emptyset$  (ao contrário dos verbos de 2ª conjugação (*entristecer*));
- (2) julgar, como faz a tradição, que se existe um vocábulo sem o prefixo ou sem o sufixo (*abaixar* ~ *baixar*), o procedimento mais indicado é excluir a interpretação de parassíntese;
- (3) considerar que os vocábulo se formam não a partir da anexação de prefixos e sufixos, mas de morfemas descontínuos, que se separariam para a inserção da base.

Nas próximas seções, observaremos as três possibilidades apresentadas, tecendo considerações sobre cada uma delas, sobretudo com um maior destaque para a análise (3), que parece dar o melhor tratamento ao processo. Nossas amostras foram colhidas nos dicionários eletrônicos Houaiss (2001) e Aurélio (2004) e contém 452 verbos parassintéticos, formados a partir das construções *a-X-ar*, *e/N/-X-ar*, *es-X-ar*, *a-X-ecer* e *e/N/-X-ecer*.

### 3. A hipótese do $\emptyset$

Alguns autores, no âmbito da literatura especializada, propõem que a maioria dos verbos parassintéticos de 1ª conjugação, i.e., com a terminação em *-ar*, não apresentam constituinte sufixal. Os verbos que apresentam a terminação *-ejar* seriam a exceção. Os verbos de 2ª conjugação também não se encaixariam nesse paradigma, porque apresentariam o sufixo *-ec*. Observemos em (b) e (c) os exemplos:

- (b) *enrouquecer* (e/N/- + rouco + -ec + -e + -r)  
*esbravejar* (es- + bravo + -ej + -a + -r)

(c) *acostumar* (a- + costume + ... + -a + -r)

*encarar* (e/N/- + cara + ... + -a + -r)

Os itens em (b), de acordo com Carone (1994) e Villalva (2003), demonstram haver dois sufixos (-*ec* e -*ej*, respectivamente) responsáveis pela derivação parassintética. No entanto, os exemplos em (c) apresentariam um problema para a descrição morfológica, visto que o sufixo estaria ausente. No caso, as autoras propõem uma posição sufixal vazia seguida da vogal temática e do morfê de infinitivo, que é apenas uma forma de citação. Haveria, pois, dois tipos de parassíntese no português: uma derivacional, como em (b), e outra flexional, como em (c).

A análise, contudo, fere alguns princípios básicos da parassíntese, o que ocasiona algumas incoerências. Primeiramente, o processo exige um prefixo e um sufixo para formar vocábulos. Nos moldes da proposta anterior, verbos seriam formados unicamente a partir do prefixo, o que é discutível; a mudança categorial é, via de regra, de responsabilidade dos sufixos<sup>1</sup>. Sobre isso, Basílio (1993, p. 303) diz que *essa generalização (...) é uma característica geral dos prefixos, nas mais variadas línguas, embora não absoluta*. Em segundo lugar, o critério simultaneidade não poderia ser aplicado, uma vez que não ocorreria a inserção de elemento final derivacional. Acrescentemos ainda, não haver explicação para o surgimento de uma vogal temática verbal, nos exemplos em (c), já que não houve mudança de classe gramatical (N → V), pois, como dissemos acima, esta é uma propriedade do sufixo.

Monteiro (1987) sustenta uma hipótese semelhante à apresentada anteriormente, com pequenas reformulações. O autor aponta para o fato de que nas formações típicas de (c) um sufixo Ø ocupa a posição do sufixo derivacional (esfarelar → es + farelo + Ø + a + r). Nesta interpretação, o princípio que determina um prefixo e um sufixo para toda construção parassintética é satisfeito, e, por consequência, o critério de simultaneidade, já que há um prefixo e um sufixo.

---

<sup>1</sup> Rocha (2008, p. 154) cita alguns exemplos raros de mudança categorial por prefixos em vocábulos cristalizados, como *inglório* (in + glória) e *prefixo* (pré + fixo).

Se por um lado, Monteiro repara a contradição de se interpretar uma posição de sufixo vazia, por outro recorre a um artifício teórico de característica flexional para solucionar o problema.

O zero morfêmico é, nas palavras de Bybee (1985, p. 4), "um tipo de distúrbio no mapeamento de um para um entre som e significado". Em *esbravejar*, por exemplo, verifica-se uma partícula entidade fonética, mais especificamente *-ej*, portadora de significado, enquadrar uma forma nominal na categoria verbal. Já em *apaixonar*, segundo Monteiro, haveria um zero morfofonético, já que não há uma partícula morfêmica, nem o som correspondente.

Ainda sobre o zero, Bybee e Gonçalves (2005) assinalam que é um artifício utilizado para tentar uniformizar as descrições estruturais. Por isso mesmo, está vinculado a categorias mais básicas e não marcadas da língua. No português, aparece com frequência no gênero masculino, no número singular, na terceira pessoa do singular e no tempo presente. Como afirmam Valente *et alii* (2009, p. 6),

Essas categorias não possuem representação fonética por seu caráter mais genérico, o que é comum nas línguas do mundo. Além disso, esses significados gramaticais tendem a se manifestar via flexão, o que leva à proposição de um morfe  $\emptyset$  apenas para a morfologia flexional.

Aplicar o zero, que tem forte valor gramatical, à derivação é um risco, uma vez que a toda entidade sem valor morfológico e sem representação fonética seria possível postular um morfe  $\emptyset$ . Por essas razões, a hipótese (2) não se confirma.

Em (c), a terminação *-ar* é responsável por reenquadrar, nos termos propostos por Nascimento (2006), a base nominal na categoria verbal. Assim, pela anexação da construção a-X-ar e e/N/-X-ar temos, respectivamente, *acostumar* [a [costume]<sub>N</sub> ar]<sub>V</sub> e *encarar* [e/N/[cara]<sub>N</sub> ar]<sub>V</sub>. Como indica Basílio (1993), *-ar* é um sufixo derivacional justamente por fazer a mudança de classe. Além disso, apresenta a propriedade flexional resguardada na vogal temática.

#### 4. *A hipótese tradicional*

A definição da tradição gramatical foi abordada anteriormente e dela também se aproximam alguns teóricos da literatura morfológica (ROCHA, 2008; SANDMANN, 1997). Nela, o fator da simulta-

neidade prevalece como critério para identificar ou excluir uma formação parassintética. Entretanto, como apontam Basílio (2007) e Kehdi (2003), este critério não é suficiente para descrever o processo. Vejamos os pares em (d):

(d) *alargar* x *largar*

*descarnar* x *descarnado*

No primeiro par, há dois verbos com a mesma base, mas formados por modelos morfológicos diferentes. A existência de uma forma sem o prefixo levaria alguns autores à exclusão de *alargar* do quadro de parassíntese. Este verbo seria, então, analisado em dois níveis: primeiramente, haveria a derivação sufixal [[largo]<sub>ADJ</sub> ar]<sub>V</sub>, seguida de anexação do prefixo [a [largar]<sub>V</sub> ]<sub>V</sub>. Da mesma maneira, poderia acontecer com o segundo par em (d): *descarnado* seria o particípio do verbo *descarnar*, e não o adjetivo formado pela adjunção simultânea do prefixo *des-* e do sufixo *-ado* à base *carne*.

Percebemos, todavia, que o significado dos vocábulos diferem. Segundo o dicionário Houaiss (2001), *alargar* é *tornar mais largo*, ao passo que *largar* significa *soltar, deixar de segurar*. Assim como, *descarnado* não é o paciente do ato de descarnar, mas um sujeito muito magro. Observemos as frases a seguir:

(e1) A prefeitura alargou a Avenida 1.

(e2) ?A prefeitura largou a Avenida 1.

(f1) Pedro é descarnado.

(f2) A fome deixou Pedro descarnado.

(f3) ?João foi descarnado pela fome.

Em (e1), dizemos que a avenida se tornou mais larga; já em (e2), embora seja estranha, uma leitura possível (com o verbo em seu sentido metafórico) seria a de a prefeitura ter esquecido da tal avenida, abandonando-a.. *Alargar* apresenta um valor semântico diferente daquele veiculado por *largar*. Se os verbos em questão apresentam significados diferentes, não se sustenta a proposta de que alguns parassintéticos são assemânticos, como assertam Henriques (2007) e

Sandmann (1997)<sup>2</sup>. Veremos mais adiante que a construção circunfixal é responsável por essa diferença de significado.

Para os exemplos em (f1), (f2) e (f3) também é necessário que o critério semântico seja ativado juntamente ao critério de simultaneidade para identificarmos os derivados parassintéticos. Em (f1) informamos que Pedro é magro; em (f2), que a fome é a causa de Pedro ser magro; e em (f3) que Pedro é o paciente do ato de descarnar. Em (f1) e (f2) aparecem as formas adjetivas parassintéticas, enquanto que em (f3) o particípio passado do verbo *descarnar*. Mesmo com a estranheza causada por esta frase, verificamos dois tipos morfológicos (um adjetivo e um verbal, pois o adjetivo em (f1) é diferente do particípio em (f3)), que são licenciados por apresentarem significados diferentes.

O que esses exemplos revelam é a insuficiência da hipótese tradicional para acomodar a parassíntese. Baseando a análise na existência de um vocábulo sem um dos afixos, seríamos obrigados a excluir as formas exemplificadas em (e1) e (f1-f2). Uma verificação que leve em conta o aspecto semântico é relevante não só para explicar a ocorrência de determinados vocábulos, como também para entender o traço morfossemântico do processo.

### 5. A hipótese da circunfixação

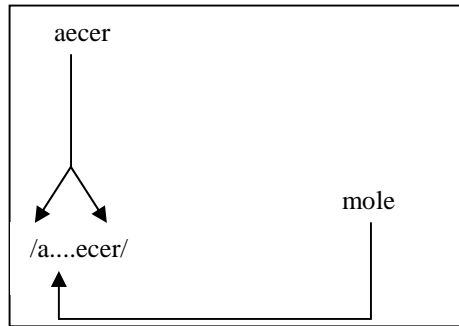
A respeito da hipótese (3), autores como Lopes (2003), Silva & Koch (2005) e Henriques (2007) focalizam o critério de simultaneidade como um traço decisivo na descrição estrutural da derivação parassintética. Justamente por prefixo e sufixo não poderem estar ausentes do processo, a ligação entre as partes torna-se um traço marcado. Os autores propõem que as frações sejam, então, compreendidas como circunfixos.

Circunfixos são morfemes descontínuos, em que a unidade de expressão é desmembrada para a inserção de outra forma (GONÇALVES, 2005). As partes representativas do morfeme aparecem no i-

---

<sup>2</sup> Os autores afirmam que o prefixo *a-* não agrega significado à construção verbal, diferentemente dos prefixos *des-* e *e/N-*. Para maiores detalhes, ver Valente *et alii* (2009).

nício e no fim de cada forma gerada. Observe no esquema da Figura 1 como se dá a formação de *amolecer* a partir da circunfixação:



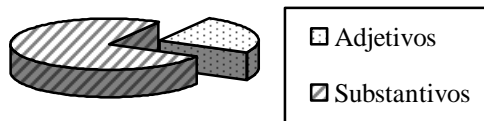
**Figura 1: formação circunfixal de *amolecer***

Há vantagens tanto morfológica, quanto semântica na adoção da hipótese (3). Bechara (2009) e Kehdi (1999) afirmam que é um traço dos prefixos, geralmente, se coadunarem a verbos ou a adjetivos, como em (h) e (1), respectivamente:

(h) *refazer, deter, reter, conter, pospor, sobrepor*;

(1) *infeliz, desrespeitoso, impensável, antiaderente*.

Poucos são os exemplos de prefixos que se anexam a substantivos. Normalmente, isso se verifica com deverbais (*desempate, retorno*). Entretanto, com base no nosso *corpus* de palavras coletadas em dicionários eletrônicos, ao analisarmos a distribuição categorial das bases que entram na derivação parassintética, observamos que há uma predominância de substantivos em relação a adjetivos (gráfico 1).



**Gráfico 1: distribuição categorial das bases**

No gráfico acima, percebemos que o percentual de substantivos (pizza listrada), com 75, 66%, é bem mais expressivo do que o de adjetivos (pizza pontilhada), com 24, 34%, num total de 452 dados. A seleção para bases adjetivas, em geral, se dá com as construções a-X-ecer e e/N/-X-ecer. Isto se justifica pelo valor semântico de processo das construções estar intimamente relacionado ao traço [+qualificador] do adjetivo.

Se, na parassíntese, os prefixos se unem a substantivos, em sua maioria, – embora teóricos afirmem que essa junção é atípica – surge o problema, do ponto de vista formal, de como lidar com os prefixos. Analisar a parassíntese com base na hipótese (3), resolve a questão de substantivos serem anexados à construção, porque a base está se unindo a morfemes descontínuos, apesar de ampliar o inventário de afixos da morfologia derivacional.

Os morfemes descontínuos também solucionam a questão do valor semântico do processo, visto que o conteúdo está expresso na totalidade, e não em uma de suas frações. Na análise tradicional, há a contradição de considerar o sufixo vazio semanticamente. Em *despudorado*, por exemplo, a terminação *-ado* indica aquele que possui o que é expresso pela base (*aquele que tem pudor*), porém o prefixo indica negação (*aquele que não tem pudor*). Num enfoque tradicionalista, diz-se que o sentido ativado é o último, mas não há uma explicação para o fato, enquanto que num exame baseado na circunfixação, ao contrário, o significado parte do todo. *Despudorado* é, assim, aquele que não tem pudor, porque o circunfixo veicula esse significado prototípico<sup>3</sup>, como em *desalmado*, *desventurado*.

De certa maneira, a proposta do circunfixo dá conta de todos os problemas discutidos durante o artigo, pois garante a presença do prefixo e sufixo por meio dos morfemes descontínuos e confere ao fator semântico relevância na constituição do processo.

---

<sup>3</sup> Em *desbocado*, por exemplo, o resultado não é aquele que não tem boca, mas o indivíduo que usa linguagem inconveniente. Verifica-se aqui a extensão polissêmica motivada por processos conceituais como a metáfora.



## 6. Considerações finais

Pudemos analisar, neste trabalho, a complexidade em se adotar uma definição para a derivação parassintética, assim como observamos as propostas correntes nas pesquisas acadêmicas. O enfoque tradicionalista não consegue acomodar as formações parassintéticas, visto que se baseia apenas no critério de simultaneidade. Da mesma maneira, outros estudos, de marcada base estruturalista, pautam-se em estratégias que acabam por também sabotar a univocidade do morfema. Concluímos que a verificação através de morfes descontínuos é mais adequada, tendo em vista que abarca os fatores formais e semânticos do processo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Verbos em -a(r) em português: afixação ou conversão?* D.E.L.T.A. São Paulo: vol. 9, número 2, 1993.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, Joan. *Morphology: the relations between meaning and form*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1985.
- CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1994.
- CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio eletrônico* versão 5.12. Positivo Informática, 2004.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: Estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva, 2001.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 1999.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. *Lições de morfologia da língua portuguesa*. Jacobina: Tipô-carimbos, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: EDUFC, 1987.

NASCIMENTO, Mauro José Rocha do. *Repensando as vogais temáticas nominais a partir da gramática das construções* 2006. Tese (doutorado em língua portuguesa – Faculdade de Letras, UFRJ, RJ, 2006).

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SANDMANN, Antonio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1997.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística aplicada ao português*: Morfologia. São Paulo: Cortez, 2005.

VALENTE, Ana Carolina Mrad de Moura; SILVA, Caio César Castro da; GONÇALVES, Carlos Alexandre; ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. Enfoques sobre parassíntese em português: da tradição gramatical à lingüística cognitiva. *ReVEL*, vol. 7, n. 12, 2009. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br).

VILLALVA, Alina. Estrutura morfológica básica. In: MATEUS, M.H. M. et al. – *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho, 2003.